



Doce e sexy...
Deixe-se
conquistar
por Noah!

Todos devemos ter uma
segunda oportunidade para amar...

PERIGO
e Tentação

J. KENNER

TOP
SEL
LER

A nova série da vencedora do prémio RITA
MELHOR ROMANCE ERÓTICO

Prólogo

Nada neste mundo é sólido... eu sei isso melhor do que ninguém. Que o mundo pode mover-se de repente debaixo dos nossos pés. Que podemos esforçar-nos ao máximo e, mesmo assim, perder tudo. Que a felicidade pode escapar-nos por entre os dedos.

A sorte nunca foi minha amiga. Pelo contrário, tem-me atormentado e provocado, mostrando-me a felicidade como se fosse uma cenoura quase ao meu alcance.

Eu sei isso — tenho-o sabido toda a minha vida, e a felicidade sempre me escapou.

É por isso que devia ter tido juízo. Nunca devia ter deixado que se aproximasse o suficiente para me partir o coração.

Mas deixei, e agora ele está de volta.

Sei que devia ter fugido, mas ele tocou-me e eu paralisei. Depois beijou-me, e o mundo desapareceu.

É maravilhoso.

É aterrador.

E agora só me resta esperar que ele tenha a força necessária para nos salvar.

Capítulo 1

Ela tinha uma obsessão por palhinhas de cocktail. Noah tentava concentrar-se nas palavras da mulher à sua frente, mas não era fácil. Ela não parava de girar o pauzinho de plástico entre os dedos, levando-o em seguida aos lábios pintados de vermelho-vivo e tirando da ponta, com a língua, pequenas gotas de líquido.

Ele calculava que ela achasse aquilo sensual. Que acreditasse que, ao passar a língua pela palhinha fina, o deixaria excitado.

Não deixava.

O que, provavelmente, até era melhor. Afinal, ele nem queria ter saído esta noite.

Ou, correção: não queria ter saído para um encontro. Queria apenas um engate. Um caso de uma noite em que pudesse exorcizar todos os demónios que o assolavam, que se acumulavam desde a última vez em que se deixara levar. Quando perder-se no trabalho já não servia para abafar as memórias ou a culpa.

Um encontro ardente, rápido e íntimo, sem expectativas e propósito algum para além da satisfação mútua dos participantes. A dela, sob a forma de um orgasmo explosivo que ele

teria todo o gosto em proporcionar. A dele, no simples ato de sair de si mesmo e afastar-se dos fantasmas e das memórias. De se perder em sensações eróticas e no conforto de saber que, apesar de ter destruído duas mulheres por completo, pelo menos poderia dar prazer *àquela* mulher.

Correção: *três mulheres*. Ele tinha destruído *três* mulheres.

A voz na sua cabeça era dura. Insistente. E ele fez um esgar, retesando o corpo como se se preparasse para um golpe.

Três mulheres, sim. Contudo, isso não estava inteiramente correto. Duas mulheres, e uma criança.

Darla, a sua esposa.

Kiki, o seu amor.

E a pequena Diana, que nunca chegara sequer ao primeiro aniversário. *Oh, meu Deus*.

Com o estômago às voltas, controlou o impulso de fechar os olhos para se defender da terrível memória que lhe preencher a mente. O corpo inerte da sua querida Diana, tão nítido, presente e horrível como fora a realidade tantos anos antes.

Nunca se esqueceria... raios, não queria esquecer.

Mas já se tinham passado quase nove anos desde que Darla e Diana haviam sido raptadas na Cidade do México, e os amigos dele tinham razão — ele tinha de seguir em frente. A filha e a mulher tinham desaparecido, mas ele estava ali. Vivo, saudável, e a esforçar-se ao máximo por ignorar o lodacal da culpa e da perda, mantendo-o longe com muitas horas de trabalho e momentos clandestinos de libertação física que nunca proporcionavam qualquer alívio verdadeiro, apesar das suas ilusões contínuas de que o ajudariam.

O que o trazia de novo a Evie e à sua palhinha de cocktail.

— Ela é advogada em Los Angeles, mas passa muito tempo em Austin — dissera-lhe o amigo, Lyle, ao insistir para que Noah tomasse um copo com Evie. — É gira, esperta e

divertida. E, se não resultar, tudo o que perdes é uma noite da tua vida. Por isso deixa-te de coisas e encontra-te com ela, OK?

A vontade de Noah fora recusar. Mas também sabia que estava na hora de começar a esgaravatar para voltar ao mundo.

Por isso começara com Evie. E Lyle tinha razão. Ela era esperta e bonita.

Talvez não fosse uma desconhecida sem nome, mas provavelmente seria boa na cama, e Deus sabia que ele precisava de alguém esta noite. Precisava daqueles escassos momentos de puro esquecimento.

Aquela semana fora mais difícil do que era costume, e se Evie pudesse ajudá-lo a esquecer...

Ele moveu-se no cadeirão de couro enquanto a observava. Estavam resguardados a um canto escuro do bar, com uma pequena mesa de cocktail entre os dois. Ela tinha parado de sugar a palhinha e estava a usá-la como ponteira.

— Sempre adorei este hotel — disse, indicando o interior do bar com decorações texanas. A cabeça de bovino da raça *Longhorn* pendurada na parede, por cima da lareira. Os quadros a óleo com cenas rurais. Os sofás forrados a couro e cabedal.

Antes de se ter mudado para Austin, há seis meses, Noah julgava que todo o estado do Texas seria como o interior daquele bar. Ficara profundamente aliviado ao ver que se enganara.

Era quarta-feira, mas, mesmo assim, o espaço estava apinhado. O Hotel Driskill era um ponto de interesse de Austin desde o início do século XIX, e Noah ficara a conhecer bem o restaurante, o bar e os quartos nas primeiras semanas que passara em Austin, depois de se mudar de Los Angeles. Na altura, o seu apartamento ainda estava a ser pintado, pelo que se instalara numa das suítes durante dez dias, até ter a casa pronta.

— Está assombrado, sabes? — disse-lhe ele.

— Isso é o que toda a gente diz, mas eu fico cá sempre que venho de Los Angeles e nem uma vez vi um fantasma. Digo-lhes sempre que quero um dos quartos assombrados, mas nunca tenho sorte.

— Sorte — repetiu Noah. Tendo em conta como se esforçara por evitar os fantasmas da sua própria vida, não sabia bem se concordava com a opinião dela. — Isso em teoria parece fascinante, mas não terias medo? Ou será que não és esse tipo de rapariga?

Tinha acrescentado o último comentário num tom provocador. Porque, realmente, ela agradava-lhe. E não tinha culpa de lhe ter saído o pacote «Homem com Problemas». E, de facto, estava na altura; ele precisava de começar a conhecer mulheres, em vez de se limitar a ir para a cama com elas. Precisava de regressar ao mundo.

— Medo? Oh, por favor. — Ela acenou com uma mão, como que para afastar a ideia. — Sou advogada, lembra-te? Deve ser por isso que nunca vi nenhum. Os fantasmas fogem de *mim*, aterrorizados.

Ele riu-se e ela sorriu, iluminando o bar escurecido. Por um momento, os seus olhares cruzaram-se e um simples pensamento surgiu na sua mente — *talvez*.

— Queres outro? — perguntou-lhe, indicando o cocktail frutado dela.

Ele tinha acabado a sua bebida — dois *shots* de *bourbon* de seguida — e não lhe apetecia outra, na verdade. Mas o ar ficara denso, carregado de potencial, e ele precisava de tempo para decidir o que fazer em relação a isso. Atirar-se de cabeça... ou arranjar uma desculpa e dar a noite por terminada.

— Outra bebida parece-me uma ótima ideia — disse ela. — E conversarmos mais parece-me ainda melhor. Mas a

acústica deste sítio é estranha, e eu começo a pensar que este cadeirão sempre é capaz de estar assombrado. Tenho praticamente a certeza de que vou desaparecer nesta almofada e aparecer noutra dimensão.

Evie falava com um brilho no olhar e ele percebeu onde é que ela ia chegar. O que ainda não sabia era se devia segui-la.

— Tenho uma suíte aqui, é só subir uns andares — continuou a advogada. — É definitivamente mais silenciosa. Está desarrumada... tenho depoimentos espalhados pelas mesas. Mas o sofá é confortável e tenho um bar bem apetrechado...

Ela deixou a frase no ar, encolhendo ligeiramente os ombros.

— E não tens compromissos amanhã de manhã — frisou Noah, lembrando-se do que ela dissera quando tinham falado à tarde. O caso ficara resolvido durante a pausa para o almoço, quando o queixoso que ela tinha estado a interrogar decidira que, afinal, não estava com vontade de entrar em litígio. De repente, Evie não ficara apenas com aquela noite livre, mas também com a maior parte do dia seguinte, já que não conseguira mudar o seu voo ao final do dia para Los Angeles.

— É verdade — disse ela, puxando a carteira para o colo, como se se preparasse para ir embora. — Podemos passar a noite toda a conversar, se quiseres. Ou a não conversar — acrescentou com ousadia, como se ele pudesse não ter percebido em que direção ia a conversa.

— Há uma certa virtude no silêncio — replicou Noah, mantendo um tom ligeiro. Sedutor. Mas continuava a debater-se.

A voz de Lyle parecia encher-lhe a cabeça. «Não estou a dizer que precisas de casar com ela. Mas põe-te em ação. Interege com o mundo. Volta a respirar, meu. Confia em mim. Vale a pena.»

É claro que Lyle era dessa opinião. À semelhança de Noah, Lyle fechara-se a qualquer coisa que se parecesse com uma relação a sério. Mas isso fora antes de Sugar Laine ter entrado na sua vida. Agora, Lyle era mais feliz do que Noah alguma vez o vira, e ele sabia que isso tinha tudo que ver com Sugar.

Noah não era Lyle, mas talvez o amigo tivesse razão. E, sinceramente, Noah já sabia havia meses — raios, talvez anos — que estava na altura de avançar. De pôr fim aos encontros rápidos e sórdidos que nada faziam para lhe amenizar a dor.

Estava na altura de recuperar.

No entanto, por algum motivo, nunca tinha arranjado entusiasmo para o fazer. Ou talvez isso não passasse de uma desculpa. Outra forma de se castigar por ter abandonado a mulher que amava por causa da mulher para com quem estava em dívida.

E como nunca voltaria a ter qualquer uma delas, precisava de dar um chuto no próprio traseiro, apanhar os cacos da sua vida e começar a construir algo real. Afinal, não havia um aparelho tecnológico que ele não fosse capaz de criar, construir ou reparar. Então porque seria tão incompetente em relação à sua própria vida?

Estava na hora, e seria fácil. Indolor, até, pois sabia Deus que Evie personificava tudo o que ele admirava numa mulher. Força. Inteligência. Ambição. Humor. Beleza. Era tão desejável como Lyle lhe prometera, e obviamente entusiasta.

Por outras palavras, não lhe restavam pretextos.

Levantou-se, com a intenção de lhe dizer que indicasse o caminho. Porém, as palavras que proferiu chocaram ambos.

— Desculpa, Evie — disse-lhe. — Tens sido maravilhosa, mas eu tenho uma reunião de manhã cedo, e é melhor ir indo para casa.

— Oh. — Ele surpreendera-a enquanto ela se levantava, e Evie vacilou periclitantemente nos saltos altos, como se aquelas palavras inesperadas pudessem mesmo derrubá-la.

Noah estendeu uma mão para a amparar e, por um brevíssimo momento, pensou em puxá-la para si e superar à força a sua própria hesitação. Ela era tudo o que ele deveria querer numa mulher — com o problema infelizmente insuperável de não ser o que ele queria de todo. Ou, melhor, *quem* ele queria.

Maldição.

Malditas fossem as suas fantasias estúpidas e irrealistas.

E, já agora, maldita fosse também a Kiki.

Estava a ser idiota e injusto, e tinha plena noção disso. Idiota, porque tomara havia muito a decisão de se afastar de Kiki, e sabia perfeitamente que a destruíra ao fazê-lo. Mesmo que pudesse ter percebido o erro e ido à procura dela ao fim de todos aqueles anos, já perdera o direito de sequer se esparar diante dela.

Injusto, pois ainda dez minutos antes estava preparado para subir com Evie, e contudo ali estava agora, a esquivar-se e a fugir como um cobarde, a tentar nadar para fora do oceano profundo e negro da dor e da perda. Uma dor familiar que o envolvia como uma manta, tão nauseante que era quase confortável. E ele sabia muito bem que só havia uma forma de fazer frente àquilo — precisava de levar a rapariga até ao quarto e fodê-la até afastar a escuridão que havia dentro de si.

Como tinha feito com inúmeras outras.

E isso nunca resultava como devia. Apenas embotava as arestas vivas da dor, mas não acrescentava qualquer luz à escuridão.

Não era isso que ele queria. Já não. Uma das razões para se ter mudado para Austin, afinal, fora querer recuperar. Recuperar e desfazer-se de maus hábitos.

Ainda assim, era tentador, e foi necessária mais força do que esperava para voltar a abanar a cabeça e dizer muito delicadamente:

— Lamento mesmo muito. Não estou... preparado.

Ela fora suficientemente cordial para não mencionar a tragédia no passado dele, mas Noah estava convencido de que Lyle deveria ter-lhe pelo menos dito que ele perdera a mulher e a filha. Esperava que isso suavizasse o golpe da rejeição.

Ela tinha recuperado o equilíbrio e deu então um passo atrás, de testa enrugada enquanto o seu olhar o percorria, avaliando-o com o profissionalismo que dedicaria a uma testemunha.

— Já se passaram quase nove anos, segundo me consta. — O tom duro da voz dela cortou-lhe o coração. Lá se ia a esperança de o golpe ser suavizado. — Se não te sentires preparado em breve, receio bem que vás acabar triste e sozinho.

Com um sorriso breve, mas compassivo, ela virou-lhe costas e foi-se embora, deixando-o a vê-la afastar-se e a pensar na perspicácia dela. Porque Evie tinha razão.

Ele ia acabar triste e sozinho.

Caramba, já estava assim.

Construído mais ou menos com a forma de um retângulo, o hotel ocupava a maior parte de um quarteirão, com entradas de cada um dos três lados da rua.

Por norma, quando Noah ia tomar um copo ao Driskill, saía pela porta do bar, que dava para a Seventh Street. Daí podia percorrer parte do quarteirão até à Congress Avenue, a artéria principal da baixa. Dirigia-se para sul, verificando as mensagens que lhe tivessem chegado ao telemóvel e apagando

fogos à medida que se orientava pela curta distância até casa. Uns quarteirões antes do rio virava à direita, entrava no seu prédio pela porta da Third Street e seguia de elevador até ao décimo quinto andar, para o estúdio que tinha comprado quando se mudara para Austin, no início daquele ano.

Na altura, tinha ponderado comprar um espaço maior — sabia Deus que podia dar-se a esse luxo —, mas para quê? Raramente estava em casa. O seu trabalho era a sua vida, como acontecia havia anos. E, francamente, a única razão pela qual chegava a ir ao apartamento era o pessoal das limpezas ficar desconcertado quando ele dormia no sofá do escritório.

Para além disso, quando fora visitar aquele edifício, todos os apartamentos com áreas maiores tinham vista para o Capitólio. Ele preferia o espaço mais pequeno, com a sua vista espantosa do rio. Todas as manhãs via passar as pessoas a caminhar e a correr. Os caiaques e os barcos a remos. Todos os tons de verde que ladeavam as margens largas do rio e que depois explodiam com cor quando os pessegueiros floriam, transformando a paisagem habitualmente verde num rosa vívido.

Era vibrante. Vivo.

Esperançoso, até.

Ele instalara a sua secretária em frente à janela e, aos fins de semana, andava a treinar-se a trabalhar a partir de casa. Sentava-se à secretária e desenhava esquemas ou rabisca-va notas enquanto observava a atividade lá em baixo. Pais a empurrarem carrinhos enquanto passeavam ociosamente pelos caminhos. Crianças ainda inseguras nas bicicletas, obviamente tendo acabado de tirar as rodinhas de trás. Corredores determinados a perder aqueles dois quilos a mais. Apaixonados de braço dado, embrenhados em conversa.

Havia uma interminável corrente de vida 15 andares abaixo de onde ele se encontrava. E quanto mais Noah a observava,

mais ia acreditando que talvez um dia voltasse a juntar-se a essa corrente.

Talvez.

Mas não agora. Não esta noite.

Para mais, já tinha anoitecido. Se fosse para casa, a única coisa que veria seria o reflexo da lua nas águas tranquilas. Belo, sim. Mas também surreal e demasiado solitário.

Por todos esses motivos, não saiu do hotel pela porta do bar, como era costume. Em vez disso, desceu as escadas até ao átrio ornamentado do Driskill, onde atravessou o piso de mármore até à entrada. Um porteiro apressou-se a abrir-lhe a pesada porta de madeira e vidro e um arrumador acenou-lhe com a cabeça, à espera que lhe entregasse uma senha. Noah abanou a cabeça para indicar que não tinha carro, e depois enfiou as mãos nos bolsos do casaco e virou à direita, percorrendo a curta distância até à esquina.

Já sabia que em Austin raramente fazia muito frio, mas a noite estava definitivamente fresca, o que ele apreciava. Apesar de ter passado a maior parte da vida na Califórnia do Sul, gostara do tempo em que vivera em Nova Iorque, sobretudo da passagem das estações, e era agradável fingir que o Dia de Ação de Graças e o Natal poderiam vir acompanhados pelo menos por uma descida da temperatura, se não com cores outonais e neve.

Atravessou a rua na esquina e depois hesitou. Se virasse à direita, poderia estar em casa em menos de dez minutos. Se virasse à esquerda, acabaria inevitavelmente num bar, e a noite terminaria consigo sozinho e a sentir pena de si mesmo, ou num quarto de hotel, a esgueirar-se antes de amanhecer, enquanto uma mulher cujo nome não recordaria dormiria profundamente numa cama alugada.

Virou à esquerda.

Não tinha qualquer intenção específica, mas não suportaria a solidão do seu apartamento. Por um momento, ainda ponderou enviar uma mensagem de texto a Evie. Pedir desculpa. Perguntar se não queria ir ter com ele a um dos bares ali perto. Descartou a ideia, com receio de que ela recusasse. Ou pior, que aceitasse.

Em vez disso limitou-se a caminhar, detendo-se brevemente em frente ao Maggie Mae, um estabelecimento local que os habitantes de longa data lhe explicaram que era parte da Sixth Street há décadas.

Ainda pensou entrar, mas mesmo do passeio ouvia a batida intensa da música ao vivo. E quando espreitou pelas janelas, tornou-se óbvio que encontrar um lugar sentado seria praticamente impossível, e que pior ainda seria conseguir espremer-se para chegar ao bar.

Em certas noites valeria a pena, só para se perder no ritmo da música e abafar o ruído da sua mente.

Nesta, contudo, queria ser capaz de ouvir os seus próprios pensamentos, embora não soubesse ao certo porquê. Podia ter a competência e o intelecto necessários para dar em cerca de um ano a volta ao balanço da nova divisão da Stark Applied Technology, em Austin, mas, além dos negócios e da tecnologia, o interior da sua cabeça continuava a ser um pantanal de arrendimento, anseio e confusão.

Francamente, começava a fartar-se disso.

Continuou a andar até chegar ao The Fix, na Sixth Avenue, outro clássico local. As bebidas eram excelentes e a comida do bar punha todos os outros estabelecimentos da rua a um canto. Ele tinha ouvido uns quantos rumores acerca de o sítio poder fechar, embora não fizesse ideia por que razão, e esperava que isso não fosse verdade. Gostava daquele sítio e o dono, Tyree, lembrava-se sempre do seu nome.

Esta noite, o The Fix não parecia correr qualquer perigo de ir à falência. Mesmo a uma quarta-feira, Noah teve de abrir caminho por entre a multidão que rodeava um palco de madeira limitado por duas paredes de janelas com vista para o cruzamento e os peões e carros que se movimentavam lá fora. Ainda não havia um artista no palco, mas um homem que Noah reconheceu como sendo um dos empregados do bar estava a ajustar a altura do microfone em frente a um único banco de metal.

Em qualquer outra noite, Noah poderia ter ficado para assistir. Naquele instante, porém, só queria fugir do ajuntamento.

Avançou por entre o maralhal, passando pelo bar comprido que se estendia pela sala, seguindo para a zona mais pequena — e felizmente mais tranquila — ao fundo.

Atrás daquela parte isolada do bar, Tyree cumprimentou-o com um aceno. Um homem negro e corpulento, com ombros largos e braços com a grossura de uma coxa de mulher, era costume julgarem que era o porteiro e não o proprietário do The Fix. No entanto, estava mais predisposto para este papel. Tyree tinha uns dos olhos mais gentis que Noah alguma vez vira, e uns modos descontraídos que nada tinham que ver com escorraçar clientes arruaceiros para a rua.

— Que veneno te sirvo, Noah? — perguntou-lhe depois de entregar algo frutado a uma das duas universitárias sentadas ao bar.

Tinham as cabeças louras muito próximas e Noah quase lhes distinguia as palavras sussurradas que alternavam com olhares de esguelha ao segundo empregado de bar, que parecia não dar por nada enquanto preparava com mestria o *Manhattan* que Noah pedira.

— És novo aqui? — perguntou-lhe Noah. — Pareces-me familiar, mas não sei de onde te conheço.

— Já cá estou há uns meses — respondeu ele, limpando as mãos a um pano. — Mas só ontem comecei a fazer um turno certo. Antes vinha quando faltava alguém à noite, ou à hora de almoço. Chamo-me Cam, já agora.

— O Cam estuda na Universidade do Texas — explicou Tyree, enquanto Noah, de sobrolho franzido, continuava a tentar situá-lo.

Observou o rosto do tipo — jovem, mas não ingénuo, com uns olhos azuis-acinzentados e inteligentes, cabelo castanho-escuro e um só brinco — e tentou lembrar-se de onde o teria visto antes.

Abanou a cabeça, sem conseguir.

— O que é que estudas?

Talvez isso lhe avivasse a memória. Noah tinha a certeza de que já se cruzara com o rapaz, e a sua incapacidade para o situar estava a incomodá-lo mais do que deveria.

Se Cam respondeu, contudo, Noah já não ouviu, pois nesse instante a barulheira que chegava da sala da frente interrompeu-se, seguindo-se uma ronda de aplausos antes de uma voz masculina anunciar que havia uma surpresa a anteceder o espetáculo. Uma artista local que ele esperava que lhes agradasse.

Noah deixou de prestar atenção. Quando era mais novo, adorava música ao vivo. Agora, isso só lhe trazia memórias indesejadas.

Olhou de relance para Tyree.

— Não sabia que tinhas bandas locais aqui às quartas.

— Não costumo ter. Mas esta tornou-se bastante famosa por aqui e vai partir em breve para uma digressão por três estados. O vocalista perguntou-me se podiam dar um concerto de despedida. — Um sorriso rasgado iluminou-lhe o rosto. — Sinceramente, acho que o que ele queria era que a

namorada pudesse testar a canção nova em frente a um público ao vivo. Ela não faz parte da banda, mas tem jeito.

— Ela não é... — começou Cam, mas Noah já não estava a ouvir. Porque a voz da sala da frente o tinha alcançado, grave, nítida e perturbadoramente familiar.

Não podia ser. Pois não?

Levantou-se e depois foi até à passagem entre as duas áreas. Comprimiu-se entre clientes em grupos compactos, enquanto a letra parecia puxá-lo ainda que a voz lhe desse vontade de se afastar.

— ...and when I'm feeling blue, I always circle back to you...¹

Não ouviu mais. Como podia, agora que estava a olhar para ela? Agora que o rugido selvagem da emoção e da memória lhe ocupava a mente?

Agora que fitava a mulher que tinha amado.

A mulher que tinha destruído.

E a mulher cuja voz, mesmo agora, lhe despedaçava o coração.

¹ Tradução livre do inglês: «E quando me sinto triste, acabo sempre a voltar para ti...» [N. da T.]

Capítulo 2

— **I** lose myself in sorrow, clinging to tomorrow. I don't know how I will get through...²
As palavras saem-me, e sinto o peito a encher-se de emoção. E não é só a emoção da canção, mas também o facto de saber que estou de volta.

Esta canção — a primeira que canto ao vivo há quase dez anos — não se limita a ser boa: *funciona*.

Vejo-o nos rostos radiantes do público. Nos corpos tensos de expectativa, como se a música fosse algo tangível a que pudessem agarrar-se para serem levados por ela para outro mundo.

Consegui. E o orgulho que sinto vem com um alívio tão doce e quente como molho de caramelo em gelado de baunilha.

Estou de volta. Estou finalmente de volta.

A minha voz eleva-se enquanto a música e a letra contam a história. O triunfo dela sobre a memória dele. A forma como ela reclama a vitória, reclamando a sua própria vida.

Ela sobreviveu, orgulhosa e de cabeça erguida, e pronta para fechar a porta do passado e, por fim, avançar.

² Tradução livre do inglês: «Perco-me em tristeza, agarrando-me ao amanhã. Não sei como irei sobreviver...» [N. da T.]

A canção é sobre isso, pelo menos.

A realidade é mais profunda. A realidade é que *eu* sobrevivi.

E vivi para cantar acerca disso.

Esta noite só vou cantar esta música, mas, quando termino, estou completamente esgotada. Investi nela tudo o que tinha — emoção, memória, arrependimentos e ambições — e, com o público à minha volta, até tenho medo de não conseguir manter-me de pé quando me levantar deste banco.

Mas o aplauso do público restaura-me, tal como antigamente. Sinto as forças a regressarem e apoio os pés no palco, após o que entrego descontraidamente a guitarra ao Ares quando ele se aproxima, de mão esticada, para que eu possa fazer uma vénia. Coisa que faço, gozando o momento.

— Que dizem, amigos? — pergunta ele. — A miúda está de volta ou quê?

Ouvem-se vivas por entre o público e eu rio-me, encantada. Nunca me fiz de rogada ao público e agora sorrio aos rostos perto de mim, agradecendo-lhes silenciosamente por me terem dado uma oportunidade. Afinal, vieram para ouvir o Ares e a banda dele, os Seven Percent, que vai partir em digressão. A minha performance podia ter sido um inconveniente.

— Kiki King, senhoras e senhores — prossegue o Ares, à medida que eu continuo a perscrutar o público. — Para o caso de não saberem, foi uma das fundadoras das Pink Chameleon e escreveu o maior sucesso delas, *Turnstile*.

Ele não menciona que *Turnstile* foi a última canção que escrevi e gravei, e eu sinto-me grata pela sua omissão. Qualquer pessoa aqui presente que conheça as Pink Chameleon provavelmente saberá que deixei a banda e abandonei a cena musical enquanto essa canção ainda ia a subir pelas tabelas de vendas, mesmo que não saiba porquê.

Os outros só saberão o que acabam de ouvir. E, como estou a recomençar, isso é mais do que suficiente.

Faço mais uma vénia, a pedido do Ares, e torno a observar o público. As pessoas continuam a aplaudir e eu continuo a aproveitar. E depois de olhar para os rostos mais próximos, vejo o meu irmão mais novo, Cameron, na passagem que dá para o bar mais pequeno ao fundo.

Ele está a bater palmas sem parar e eu reviro os olhos quando ele leva dois dedos à boca para soltar um assobio de lobo que se impõe sobre todo o barulho e chega ao palco. Sorrio de orelha a orelha e rio-me em voz alta quando o patrão dele, o Tyree, aparece por trás dele e o fita até o Cam se aperceber, lançando-me um olhar como quem pede desculpa e voltando para trás do bar, para servir bebidas, conversar com clientes, ou qualquer outra tarefa a que estava a esquivar-se.

O Tyree deixa-se ficar e, embora se esforce por fazer um ar sério, vejo o orgulho no seu olhar quando me acena com a cabeça, e o meu coração já tão cheio ainda cresce um pouco mais.

Encontrei o Cam com tanta facilidade ao fundo da sala que nem tinha reparado nos clientes perto dele. Mas agora, ao mover-me no palco na direção do Ares, entrevejo um vislumbre de cabelo ruivo de um tom tão familiar que me faz doer o peito.

Não pode ser ele. Estou só a pensar nele, é só isso. O homem que amei. O filho da puta que inspirou a canção desta noite.

Mas ele não pode estar aqui, e ainda repito esse mantra quando ele levanta o queixo e me permite ver-lhe os olhos, e o mundo começa a fugir-me debaixo dos pés.

Não.

Não, é imaginação minha. Foi a canção. A música. A minha mente a pregar-me uma partida.

Não é ele. Não pode ser ele. Porque haveria de estar aqui? Em Austin? Neste bar? Esta noite?

O pânico desencadeia-se dentro de mim, feroso e descontrolado. Só agora consegui recuperar. Só agora recomecei a escrever, a cantar. Tenho um plano, todo um mapa para o resto da vida, e não quero de todo tornar a ver o Noah Carter.

E o céu é cor-de-rosa, as nuvens estão cheias de vinho e os gelados têm calorias negativas.

Começo a perscrutar o público, em busca de outro vislumbre daquele tom acobreado que conheço tão bem. Mas então o Ares chama-me e eu percebo que os Seven Percent estão prontos para começar. Com relutância, despeço-me com um último aceno e abraço o Ares antes de sair apressadamente do palco. Sei que devia ficar ali a ouvi-los — ou então pôr-me a andar do The Fix — mas, como a masoquista que sou, afasto-me do palco e avanço mais para o fundo do bar, dirigindo-me para onde vi o Noah. Ou, segundo espero, a aparição semelhante ao Noah.

Agora estou no chão e não vejo grande coisa. Só de saltos altos consigo ter 1 metro e 70 e hoje estou de ténis rasos, o que quer dizer que o que vejo é, sobretudo, um mar de peitos masculinos.

Abro caminho por entre a multidão, mexendo-me e virando-me para conseguir esgueirar-me até ao fundo. Demoro algum tempo. Não só porque várias pessoas me param para me dizerem que gostaram de me ouvir, mas também porque a maior parte desta gente está a avançar para o palco, o que significa que tenho de remar contra a corrente.

Digo a mim mesma que devia ir para casa. A minha mente está a pregar-me partidas e eu preciso de me pôr a andar. Só que parece que não consigo fazer com que os meus pés cooperem, e estes levam-me inexoravelmente em frente.

Não sei bem o que espero encontrar quando finalmente atravessar esta multidão — um homem alto e ruivo, sem nada mais que me seja familiar? Ou o homem que amei outrora, de alma e coração?

Mais importante, nem sei o que quero encontrar.

A questão, no entanto, é desnecessária. Quando chego à passagem para o bar mais tranquilo das traseiras, não há nem sinal do Noah.

Se é que era o Noah. Que, claro, não era.

Comprimo-me para passar por dois universitários cujos ombros largos parecem ocupar toda a passagem e depois espreiro em redor, com o coração a bater tanto que mal ouço as notas da primeira canção dos Seven Percent, atrás de mim.

Ele não está aqui.

Nem o Noah, nem alguém que se pareça com ele.

Será que a minha imaginação anda a pregar-me partidas? Ou será que nos cruzámos no meio da multidão, ele a ir para um lado, eu a ir para o outro?

Concentro a minha atenção na área atrás do bar, em busca do Cam. Mas ele também não está ali. Não que pudesse confirmar-me se o ruivo era o Noah. O Cam é dez anos mais novo do que eu e, embora eu tenha mostrado fotos dele ao Noah, pois o meu irmão sempre foi uma fonte de orgulho para mim, eles nunca chegaram a conhecer-se.

O que me deixa aqui espedada como uma idiota, de testa franzida.

— Tendo em conta que arrasaste ali em cima, não estás com um ar lá muito satisfeito.

Olho para a esquerda, onde o Tyree se encontra a uma mesa, a conversar com dois tipos de fato, que presumo que sejam clientes habituais. O meu estado de espírito muda imediatamente, e sorrio.

— Obrigada por me teres deixado cantar antes dos Seven Percent — digo-lhe, genuinamente agradecida. — Sei que o Ares te atirou com a ideia do nada ontem, e embora fosse só eu com um microfone e a minha guitarra, tenho noção de como podem ser complicadas as mudanças à última da hora, por isso eu...

Ele ergue uma mão para me interromper.

— Fi-lo com todo o gosto. Caramba, até fico contente por teres aceitado esta oportunidade aqui.

O meu sorriso vacila um pouco enquanto me pergunto quanto lhe terá contado o Ares. Somos amigos desde os tempos da faculdade, que frequentámos na Universidade do Texas. Eu despachei-me em três anos, sobretudo porque estava farta da escola e queria cantar, e fui para Los Angeles enquanto o Ares ficou em Austin.

Ele apresentou-me à sua prima, Celia, que vivia em Los Angeles, e nós as duas acabámos por formar as Pink Chameleon com duas outras raparigas.

Quando voltei para Austin procurei-o, claro, e ele foi um rochedo sólido na minha tempestade pessoal pós-Noah. É uma das poucas pessoas que sabe que me encontro na ponta da prancha de salto, com os dedos dos pés a curvarem-se enquanto me preparo e ganho coragem para dar o grande mergulho de regresso ao meu sonho de uma carreira musical.

Mais do que isso, ele é dos poucos que compreendem o quanto tive de aguentar só para conseguir trepar até essa plataforma altíssima.

Passo os braços à minha volta. Ver o Noah destruiria tudo isso. Raios, basta pensar nele para me fazer piorar.

Mas só se eu deixar.

Endireito os ombros, a recordar tudo aquilo pelo que passei. Quanto sacrifiquei e como me tenho esforçado. E sabem que mais? Que se foda o Noah.

Que se foda ele e a sua aparição que talvez esteja aqui ou talvez não. Sou capaz de lidar com o homem e sou capaz de lidar com o fantasma dele. E não vou mesmo assustar-me e desatar a fugir.

Para além disso, se ele estiver aqui, quero saber porquê. E se andar a brincar intencionalmente às escondidas, ainda me interessa mais saber. Agora Austin é o meu lugar. O meu refúgio. Foi para onde fugi para escapar à memória dele... de nós.

Foi o sítio que me abrigou e curou. Que me deu a força para construir um muro à volta da dor. Que me ajudou a deixar aquelas memórias doces do outro lado. As memórias preciosas que me magoavam profundamente e davam chamas e lâminas afiadas à dor.

Ele não pode estar aqui. Porque, se estiver, não tenho a certeza de conseguir impedir que as muralhas se desmoronem.

Por um momento, ainda pondero dar meia-volta e ir embora. Devia simplesmente ir para casa, deitar-me e fingir que esta noite terminou com o aplauso do público. Afinal, ainda tenho muito que preparar para a reunião crucial de amanhã. Porque a triste verdade é que a música pode ser o meu primeiro amor, mas é o marketing que me paga as contas.

Para além disso, o mais provável é que não fosse ele. Porque raio haveria de estar aqui?

Por outro lado, também não sei onde haveria de estar. Esforcei-me muito por evitar inteirar-me do que quer que fosse acerca do Noah Carter ao longo dos anos, e, no que diz respeito ao meu mundo, ele não existe.

Só que talvez exista.

Sei que a possibilidade é diminuta, mas também sei que, mesmo que fosse para casa, não dormiria. Ficaria obcecada.

Assim, inspiro profundamente para ganhar coragem e depois percorro a curta distância até ao bar. O Tyree voltou para lá e eu empoleiro-me no único banco livre.

— *Chardonnay?*

Abano a cabeça.

— Só uma pergunta. Por acaso terás visto um tipo aqui há bocado... Alto. Uns olhos verdes incríveis. Bem-parecido, mas do género que ao início passa despercebido.

Contenho um sorriso, recordando a primeira vez que vi o Noah. Ele estava a trabalhar num jogo de vídeo que eu andava a avaliar. Tinham-me dito que precisava de falar com ele e que ele estava no último cubículo. Encontrei-o debruçado sobre o teclado, com os olhos pesados pela falta de sono e o cabelo espetado em todas as direções.

Ele lançou-me um olhar de relance e eu mal reparei. Depois levantou-se, passando uma mão pelo cabelo antes de sorrir — e foi como se um holofote lhe tivesse sido apontado de repente. Assimilei-o por completo. Os braços musculados. O peito largo. Os quase 30 centímetros a mais de altura. Um rosto forte com uma boca larga e uns olhos francos. E cabelo espesso e revoltado que sugeria uma atitude descontráida num homem que, afinal, tinha a ética de trabalho brutal que eu admiro. Que era, na verdade, o dono da empresa, apesar de trabalhar naquele espaço exíguo e miserável.

O seu sorriso trespassou-me, rasgado, luminoso e cheio de um humor genuíno. Mas foram os olhos que me roubaram o coração. A ligação que faiscou neles assim que os nossos olhares se cruzaram. As boas-vindas silenciosas que uma alma dá a outra quando tudo o que é preciso dizer é: *eu conheço-te*.

Ou, pelo menos, conhecia-o na altura. Ou julgava que sim.

Dou-me um safanão mental, ao perceber que não referi o pormenor mais pertinente ao descrevê-lo ao Tyree.

— E tem cabelo ruivo. Acobreado, na verdade. Vi-o ali na passagem quando estava no palco, e acho que é uma pessoa que conheci em Los Angeles. — Tento manter um tom descontraído. — Reparaste em alguém assim?

— Claro — diz o Tyree, como se a minha pergunta não tivesse qualquer importância. Como se a sua resposta não tivesse a capacidade de me atingir como um golpe físico. — Deves estar à procura do Noah Carter.

DEPOIS DE PROVAR O SABOR DO PASSADO,
ELE DESEJA O FUTURO. E ESSE FUTURO
É A TEMPESTUOSA KIKI.

Noah Carter é um homem tão bonito quanto inteligente. Um belo partido, não fosse a tragédia que o marcou: o desaparecimento da mulher e a morte da filha bebê. Desde então, Noah alimentou a esperança de que a sua mulher estivesse viva. Mas depois de emitida a declaração de óbito, ele é consumido pela culpa e passa a refugiar-se no trabalho, fechando o coração às emoções... Até que um furacão chamado Kiki Porter regressa à sua vida.

Eterna otimista e cantora em ascensão, Kiki é o vislumbre de um passado feliz para Noah. Agora que se reencontraram e que tanto mudou nas suas vidas, os dois anseiam um pelo outro. Contudo, Noah ainda é um homem traumatizado, e Kiki não se esquece de como as coisas acabaram entre eles, nove anos antes, temendo agora ser novamente magoada.

Juntos, são explosivos e não conseguem manter-se afastados. Mas quando o destino lhes parece sorrir, os fantasmas de Noah regressam, virando o mundo deles do avesso.

Será Noah forçado a desistir do amor da sua vida
para fazer o mais correto?

VIBRE COM OUTRAS
RELAÇÕES EXPLOSIVAS:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-35-5



9 789898 917355

Romance Erótico